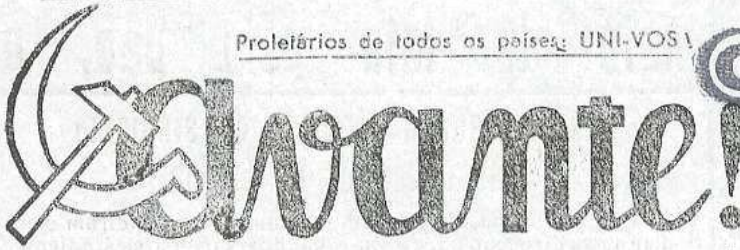




Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Primeiro de Maio! Jornada de solidariedade ao Vietnam heróico! Jornada de luta contra o imperialismo! Ombro com ombro, em Portugal e além fronteiras, com todos os combatentes da Paz. Digamos não à guerra colonial. Intensifiquemos nas fábricas e nos campos, nas universidades, nos quartéis e nos navios a luta pela independência nacional e a liberdade que funde numa mesma frente o povo português e os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL criará novas dificuldades á economia nacional

Os trabalhadores não deverão suportar as consequências da crise

O mundo capitalista vive, um clima de incerteza. A desvalorização da libra acelerou um processo de crise financeira, que se projecta em cadeia na actividade dos vários países capitalistas e pode provocar uma crise económica de graves consequências.

Só o premeditado desejo de iludir a gravidade da presente conjuntura e os seus reflexos sobre a economia nacional pode levar o ministro das finanças de Salazar a afirmar, nas suas recentes declarações à imprensa, que «o nosso país é exemplo de uma política monetária ver-

dadeiramente sã», como se o equilíbrio da balança de pagamentos, conseguido com as verbas do turismo e da emigração, pudesse considerar-se estável e duradouro e fosse por si a determinante da solidez da economia nacional, tornando-a inviolável às consequências da presente crise.

A corrida ao ouro revela a falta de confiança no papel moeda, ante a perspectiva de uma desvalorização do dólar e de uma crise económica que, a partir da actual situação financeira, se venha a repercutir amplamente na economia dos países

capitalistas.

A guerra do Vietnam criou aos Estados Unidos, só no ano de 1967, um défice da sua balança de pagamentos no valor de 1 bilião e 500 milhões de dólares. A inflação domina a economia americana. Com ela, fenómenos

(continua na 3.ª pág.)

Neste 1.º de Maio, o Partido Comunista Português, tal como assinaia o apelo da Comissão Executiva do Comité Central, chama os trabalhadores e as massas populares à unidade e à luta por aumento de salários, contra a carestia da vida, contra a repressão, contra a guerra colonial, pelas liberdades democráticas, contra a intervenção imperialista no Vietnam.

As mais legítimas aspirações do povo trabalhador, da juventude, dos combatentes da Paz de Portugal inscrevem-se na bandeira do 1.º de Maio. Bandeira rubra do sangue de mil combates dos trabalhadores do

(continua na 5.ª pág.)

REPRESSÃO UNIDADE RESISTÊNCIA

O governo fascista consumou um novo acto de violência. No dia 21 de Março, deportou sem julgamento nem culpa formada, para a Ilha de S. Tomé, o Dr. Mário Soares, que havia sido libertado 15 dias antes, após três meses de detenção nas prisões fascistas. No aeroporto, os esbirros da PIDE agrediram várias pessoas e em particular a esposa e o filho daquele democrata, que ali compareceram para se despedirem.

A deportação do Dr. Mário Soares, decidida em conselho de ministros, por determinação de Salazar, constitui um torpe motivo de vingança e uma indecorosa perseguição, a que não são estranhos os escândalos provocados pela corrupção de menores.

Embora a repressão se abata com fúria particular sobre os comunistas, todos os combatentes da Democracia, que tenham uma posição de coerência e de firmeza, podem ser enviados para os campos de concentração de África.

A deportação do Dr. Mário Soares abre o caminho a novos actos de violência e ilegalidade.

A acção terrorista do governo estende-se a todo o país. Têm sido presos dezenas de democratas em Lisboa, Porto, Évora e outras localidades. Entre eles figuram o escritor Urbano Tavares Rodrigues, o advogado católico Souse Tavares, o Dr. José Afonso.

No Barreiro, os esbirros da PIDE desencadearam uma vaga de repressão contra o povo e as actividades culturais de várias agremiações recreativas. Prenderam elementos da direcção, fizeram buscas, levaram ficheiros, estabeleceram uma ampla acção intimidativa.

Agentes da PIDE e bandos fascistas

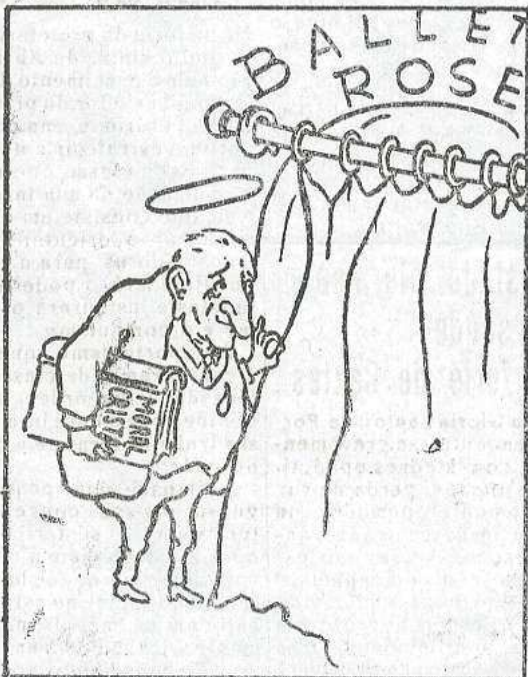
agredem em plena rua dirigentes das associações estudantis e o coberto da impunidade do governo assaltam novamente a Associação da Faculdade de Direito de Lisboa. Raptam, em plena Avenida da Igreja, o jovem advogado Dr. Valenim Alexandre, introduzem-no num automóvel, espancam-no brutalmente e abandonam-no na Azinhaga do Lumiar.

São actos de violência de um regime em crise. São actos de desespero de um governo condenado à derrota, que exigem resposta condigna. Resposta dada pela resistência activa e corajosa das massas populares, pela unidade e firmeza das forças democráticas, expressas em actos de protesto colectivo, em formas massivas de luta, que façam sentir aos governantes fascistas que não têm as mãos livres para a prática dos seus crimes, para a execução da sua nefasta política.

EM NOME DA MORAL E DO DIREITO...

O Estado-fascista baseia-se na «Moral e no Direito». Na «Moral»! Os ministros salazaristas Santos Junior, Correia e Oliveira, Quintanilha de Mendonça, os condes da Covilhã e de Caria, o banqueiro Miguel Quina, o ex-governador civil do Porto, Brito e Cunha, o «escritor» Manuel Anselmo, Teófilo dos Santos, proprietário do Hotel Embaixador, estão implicados num escândalo de corrup-

ção de menores, pertencentes à alta sociedade. A sede dos «ballets rose» era na avenida de Roma, com sucursais de deboche no Estoril e na Pareda. O escândalo transpirou. Ganhou foros de publicidade, mas os corruptores de menores não foram nem julgados nem condenados. Em nome da «Moral e do Direito» Salazar mandou... arquivar o processo. Em Inglaterra, o escândalo Profumo fez cair o governo.



SALAZAR—«Pois que me chamais chefe, sigo-vos...»
(Dum discurso)

Morreu Yuri Gagarine

Um profundo pesar tocou o povo soviético, o seu Partido Comunista, o governo da URSS, os comunistas e os trabalhadores de todo o mundo. Yuri Gagarine, o primeiro cosmonauta soviético, morreu num desastre de aviação, que vitimou igualmente o coronel engenheiro Vladimir Seréguine.

A 12 de Abril de 1961, a bordo de VOSTOCK 1, Yuri Gagarine empreendeu o primeiro voo do homem no espaço cósmico. A sua coragem, a sua audácia, o seu devotamento à ciência, abriram caminho a novos voos, ao avanço no conhecimento do cosmos e colocaram a União Soviética na vanguarda das descobertas siderais.

YURI GAGARINE era membro do Partido Comunista e deputado do Soviete Supremo. Possuiu o elevado título de herói da União Soviética.

Os seus restos mortais repousam junto às muralhas do Kremlin, na Praça Vermelha, no local consagrado às grandes figuras revolucionárias.

O Partido Comunista Português, a classe operária, o povo trabalhador de Portugal associam-se à profunda mágoa do povo soviético, do Partido Comunista da União Soviética e do Governo soviético, pela morte do valeroso cosmonauta, do intrépido combatente de causa do comunismo, que foi YURI GAGARINE.



Organizemos um 1.º de Maio de luta pelo pão, pela Paz, pela democracia e de solidariedade ao Vietnam

NOVAS EXPERIÊNCIAS, NOVAS LIÇÕES

Quando os argumentos não chegam, a vida ensina. Ao longo dos anos, o Partido Comunista tem mostrado, na base da experiência e dos princípios, os resultados e perigos das tendências oportunistas de direita e de esquerda. Incessantemente tem advertido o movimento democrático e as massas populares contra as lições numa queda automática ou semi-automática da ditadura, contra o legalismo, o compromisso, as manobras de bastidores. Incessantemente tem advertido contra as soluções de desespero e de aventura, segundo as quais a luta armada empreendida por um núcleo de homens decididos pode provocar a derrocada do fascismo. Incessantemente tem advertido e advertido que o oportunismo de direita conduz à capitulação, e o esquadismo à aventura e a trágicos insucessos.

A experiência do movimento anti-fascista português dá sólida fundamentação à orientação tática do Partido Comunista. Ao longo dos anos, o oportunismo de direita conduziu, não só a sucessivas desilusões, como à derrota e até ao desaparecimento da cena política de numerosos partidos e agrupamentos republicanos, liberais e socialistas. Ao longo dos anos, o esquadismo e o aventurismo tiveram resultados semelhantes para os seus defensores, como sucedeu com as organizações anarquistas, com os S.A.A., com o DRIL, com a FAP, com outros grupos, e ainda, num outro plano, com o general Humberto Delgado.

Os factos aí estão agora uma vez mais a dar lições. Uma vez mais as ilusões legalistas ruíram como castelos de cartas. Uma vez mais, tentativas de levar à prática concepções aventureiristas se saldaram por graves insucessos. E uma vez mais a pretensão de qualquer agrupamento conduzir sozinho a luta mostra que a política de divisão não é a que melhor serve, nem o movimento anti-fascista no seu conjunto, nem aqueles que a praticam.

Entretanto, reanimam-se as acções de massas, que encontram novas expressões nas comemorações do 7 de Novembro, em acções unitárias contra a repressão, no movimento de solidariedade contra as vítimas das inundações do rio de Lisboa, nas manifestações de apoio ao Vietnam em Lisboa e no Porto. E nessas lutas reafirma-se o espírito unitário de anti-fascistas de todas as tendências e a consciência da imperiosa necessidade da unidade estabelecida na acção e para a acção.

A «reposta» das massas às ilusões legalistas e a iniciativas de aventura não passa do comentário e do boato. Tanto o legalismo como o esquadismo colocam as massas à margem da luta, conduzem-nas à expectativa, à inércia, à passividade. Uma linha de massas, se desenvolvida com confiança e com um tenaz trabalho de organização e agitação, acaba sempre por conduzir à acção as próprias massas.

Apesar das duras lições da vida, nem o oportunismo de direita nem o esquadismo estão mortos, nem o movimento democrático. No futuro não terão, porém, resultados diferentes dos anteriores. Não terão novos esquemas de conluio com os chamados «dissidentes» do regime, não serão novas e ingénuas esperanças numa «libertação» do regime, levada a cabo precisamente por aqueles que querem salvá-lo, como não serão acções de tipo propagandístico ou terrorista, que imprópriamente se intitulam «luta armada», que conduzirão ao derrubamento da ditadura.

A organização perseverante do movimento democrático, a luta política, a acção das massas populares, constituem as tarefas fundamentais do momento presente e o único caminho que pode conduzir à criação das condições necessárias para os combates decisivos e finais, para a insurreição popular vitoriosa. A luta armada tem um importante papel a desempenhar mesmamente da insurreição. Mas só contando com uma sólida base de organização política, só em correspondência com um grande ascenso da luta política de massas, poderá ter resultados positivos e desenvolver-se com sucesso.

O momento é favorável para o movimento anti-fascista «fora do ponto» da situação. A cooperação e a unidade são indispensáveis para o progresso do movimento popular e para encaminhar a luta popular dentro duma perspectiva revolucionária. Pela sua parte, o Partido Comunista Português, ao mesmo tempo que desenvolve os seus esforços para levar à luta e unir na luta as massas populares, está disposto a unir as suas forças em todos os domínios da luta anti-fascista e da acção revolucionária, às forças de todos aqueles que sinceramente querem lutar pela destruição do regime fascista e a instauração em Portugal de um regime de liberdade e progresso social.

Quantas recebidas dos amigos do Partido

Alfredo Duarte 174500	Guilherme Cavaleiro 24800	Pré-luta 87300	Total 3.793850
Amílcar 384450	Milhões 232500	Saldos ver. 174800	
Albino 384450	Por Eca 262500		
«Sina» 1.537300	Portugal livre 232500		
Warrick (F) 1.537300	Por uma voz.		
Eufémia 68000	democrático 142000		
Crâncolis (F) 397000			

NOTA: Recebidas e demais respectivo destino a 40.252500 passadas à comissão (Natal do Prato Político) desenvolvida em França em fins de 1967.

Escorçada a direcção do sindicato dos bancários de Lisboa

A eleição, por larga maioria, de uma nova direcção para o sindicato dos bancários de Lisboa, é uma vitória digna de menção, na luta que os trabalhadores dos bancos vêm conduzindo contra os magnatas da finança e os seus agentes sindicais e corporativos.

Milhares de bancários de Lisboa ganharam consciência da sua força. Em assembleias gerais que chegaram a reunir 1.600 a 2.000 participantes, na «Voz do Operário», convocados a seu pedido, souberam defender com oportunidade e firmeza os seus interesses e desmascarar, atacar e denunciar as posições de divisão, colaboração e traição, tomadas pela direcção cessante. O acto eleitoral, com larga e activa participação de bancários, em que se destacou elevadíssimo número de mulheres, foi uma confirmação da tomada de consciência que anima os bancários de Lisboa, na defesa dos seus interesses.

Uma bição enorme, que se estendia ao longo da rua, anunciava o espírito de decisão e o entusiasmo que presidiram à escolha dos dirigentes sindicais. A acção desenvolvida e a forma organizada e ampla com que se processou, foram coroadas de sucesso.

Os bancários de Lisboa têm uma nova direcção na qual participam, pela primeira vez, duas mulheres. Esta direcção apresenta um programa, voltado para os problemas fundamentais da classe. O entusiasmo, firmeza, unidade e confiança, forjados na luta que acaba de travar-se, são uma poderosa garantia para o prosseguimento da luta dos bancários, que não cessou nem pode cessar.

A LUTA SINDICAL DOS EMPREGADOS DE SEGUROS

Um abaixo-assinado com mais de mil assinaturas dos empregados de seguros, requerendo a convocação de uma assembleia geral extraordinária do sindicato, para que aí fossem discutidos, por toda a classe, os resultados do acordo entre o Sindicato e o Grémio, teve a ampla e decidida adesão dos trabalhadores. O presidente da Direcção, como verdadeiro lócal do patronato, convocou uma simples reunião de classe numa sala de acanhadas dimensões. Declarou aí que o aumento reclamado pelos empregados de seguros exigiria a contrapartida de um aumento de 50 minutos da jornada de trabalho!

Para que sejam atendidas as suas reivindicações, os empregados de seguros terão de prosseguir na luta e escorçar a actual direcção do Sindicato.

Um estado alarmante de saúde no forte de Caxias

Virgílio da Glória Santos, de Porto Alegre, encontra-se gravemente doente, com ataques epilépticos quase diários, perda de voz temporariamente, períodos de inconsciência, tosse aguda e dores no coração. Apesar dos esforços dos seus companheiros de sala, é-lhe negada a devida assistência. Perante os protestos dos presos, o criminoso Gomes da Silva, responsável mais directo pela morte recente de António Firmão, ameaça-os com pesados castigos.

Acções de protesto e de solidariedade ao Vietnam

«Podem os crimes ser televisivados, filmados, desculpados, submergidos em discursos ou «ofensivas de paz», que não deixarão de ser crimes. Pode mesmo a violência dos carcereiros ser hipocritamente comparada à violência das vítimas, que por isso não se tornará justa» — afirma

Este documento esteve na base dos grandes manifestações que tiveram lugar em Lisboa no dia 21 de Fevereiro e a que o «AVANTE!» fez larga referência no seu número transaccão.

Para apoiar a entrega do abaixo-assinado, milhares de manifestantes — estudantes, jovens operários e o povo de Lisboa — acorreram à ambulância dos Estados Unidos, fortemente defendida por um poderoso dispositivo de repressão: companhia de agentes da PIDE e da polícia de choque, armadas de mestracas, pistolas metralhadoras e de sniper. Pela primeira vez foram utilizadas duas pelotas.

A manifestação prolongou-se até às 21 horas, alegando-se em número e combatividade, na medida em que se estendeu a novas ruas e a novas áreas do capital.

PAZ PARA O VIETNAM! INDEPENDÊNCIA PARA O VIETNAM!

Coordenemos e intensifiquemos os actos de solidariedade ao Vietnam heróico!

anos se abatem todas as violências do encarceramento, só pode ser salva com a libertação. Pires Jorge não deve voltar para a Fortaleza de Peniche. Pires Jorge tem de ser libertado e para tal devemos lutar desde já.

Organizemos comités de solidariedade para a libertação de Pires Jorge, que promovam e ponham em acção todas as iniciativas susceptíveis de melhorar para esse fim, num amplo movimento unitário, a classe operária e os vários sectores da opinião democrática nacional e internacional.

Redobremos de esforços para libertar Sofia Ferreira igualmente detida, para libertar Agostinho Gregório e Aídes Paule, gravemente doente, ambos vítimas dos processos de tortura da PIDE.

LÊNINE E A REVOLUÇÃO

Na história do proletariado mundial o dia 22 de Abril de 1870 assinala o nascimento de Lênine. O genial criador do primeiro Estado operário e camponês, elabou uma estratégia e a tática do partido da classe operária para a realização da sua tarefa histórica, que consiste em organizar, mobilizar e orientar as massas trabalhadoras para a revolução que liquidará o poder dos capitalistas e instaurará o socialismo e o comunismo.

Ao oportunismo, que conduz à colaboração de classes e à defesa da velha ordem burguesa, Lênine opôs a dura luta das massas trabalhadoras pela conquista do poder.

A impaciência pequeno-burguesa, e os seus conceitos vulturistas e sectários, Lênine opôs a estratégia e a tática revolucionárias, que se baseiam na realidade social, na estreita ligação com as massas, na luta das massas trabalhadoras, no seu grau de consciência política e de organização, na aliança da classe operária com os camponeses, na disposição das massas em dar

CONTRA A EXPLORAÇÃO LUTA UNIDA DOS TRABALHADORES

Na empresa Mário Navegas, (Porto) os trabalhadores transformaram a sua indignação contra a recusa dos patrões em pagarem o subsídio de férias, num motivo de luta, num protesto colectivo que se traduziu no envio de um abaixo-assinado ao ministro das Corporações e em concentrações de operários no sindicato e no I.N.T. Os protestos e a acção colectiva dos trabalhadores de Mário Navegas forçaram a empresa a pagar-lhes o subsídio de férias.

Na empresa de móveis Oleio (Seacavim) os preços das refeições no canteim passaram de 2000 a 20000 por 2000, este facto provocou uma forte indignação entre o pessoal. Em concentrações junto do gerente, os trabalhadores devem exigir o regresso à antiga tabela de preços.

Na fábrica de Celulose Billerud, onde domina o capital sueco, aliado aos capitalistas da C.I.F., os 1800 operários que ali trabalham estão submetidos a ritmos esgotantes de produção. Neste momento, a direcção da empresa impõe aos trabalhadores ritmos extraordinários, sob a ameaça de despedimentos.

A esta intolerável situação, os operários da Billerud devem exigir a sua libertação contra os ritmos extraordinários.

VIVA O 1.º DE MAIO!

A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL

por fenómenos de inflação, desemprego e redução das importações.

O papel dominante dos Estados Unidos em relação aos restantes países capitalistas, os investimentos e empréstimos largamente praticados pelo imperialismo americano fazem reverter a sua instável situação económica e financeira em todo o sistema capitalista. As contradições existentes entre os monopólios franceses e americanos contribuem para a agudização da actual crise financeira, dada a guerra que e movida pelas forças capitalistas de França à Alemanha Ocidental, a recessão económica foi marcada

de crise económica e desemprego. Em Inglaterra, a desvalorização da libra foi antecedida pela crise económica que se manifestou na indústria de automóveis, de bens de equipamento, do aço, de artigos de consumo de uso doméstico e se reflectiu imediatamente sobre a classe operária inglesa, provocando o desemprego de centenas de milhares de trabalhadores, o congelamento de salários, o aumento do custo de vida, a redução das despesas dos seguros sociais.

REFLEXOS DA CRISE FINANCEIRA SOBRE A ECONOMIA NACIONAL

No imediato, a actual crise financeira tem já os seus reflexos sobre a economia nacional, embora a eles não faça a mínima alusão o ministro das Finanças, nas suas declarações à imprensa.

A inflação imposta ao turismo pelos Governos de Washington e de Londres pesará, sem dúvida, na balança de pagamentos, podendo em risco o seu equilíbrio.

No que se refere ao comércio externo verifica-se, já em 1957, uma baixa nas exportações portuguesas assinalada pelo aumento vertiginoso do deficit crónico que se está no ano citado, a cerca de 11 milhões de contos. Reduziram-se as exportações para os Estados Unidos, para os países do Mercado Comum, incluindo a Alemanha e a França.

O ano de 1957 registou uma diminuição das exportações dos produtos tradicionais: vinhos, conservas de cortiça, madeira, além da perda de papel e amêndoa. A desvalorização da libra pro-

por aumento de salários e contra os imperialistas estrangeiros.

Ergamos a bandeira do 1.º de Maio (continuação de 1.ª pág.) mundo inteiro contra os seus exploradores e opressores. Bandeira do heroísmo proletário que levou ao assalto do poder e à instauração do socialismo na União Soviética e num conjunto de países, que constituem hoje um terço da Humanidade.

Em reuniões, em concentrações nas empresas e nos sindicatos, em paralizações, em actos de confrontação nos campos e nas cidades, em manifestações de rua, os trabalhadores assinalarão mais uma vez a sua presença nesta jornada, que se enquadra nas mais honrosas tradições de luta do proletariado português.

Num curto prazo, as massas trabalhadoras portuguesas podem encontrar-se em face de um agravamento mais rápido e mais acentuado do seu poder de compra, provocado pelo encerramento de empresas, por desemprego total e parcial, pela impetuosa subida do custo de vida, por novos impostos, por uma severa política de congelamento de salários, de mais intensa exploração, de maior miséria.

Sob os sintomas de uma crise económica que se vem agravando e evoluindo, o país vive já as consequências das deturpações da guerra colonial, da depressão, que continuam, no ano em curso, cerca de 10 milhões de contos.

«A luta vigorosa da classe operária, só o reforço da sua unidade, só a sua luta em combates, só a organização, podem fazer face, victoriosamente, à presente conjuntura, se ligarem a sua luta às lutas das massas laboristas do Estado e do campo, das intelectuais, das estudantes, das mulheres, das forças democráticas, se fundir numa só luta, a batalha das massas populares e a luta organizada e consciente dos sectores anti-fascistas, obrigados numa mesma frente de combate».

Estamos perante uma situação que pode rapidamente evoluir. Do nível de organização, da capacidade de mobilização e de direcção dos comités, do nível de unidade, de combatividade, da força organizadora dos democratas, dependem os êxitos da luta comum.



A POLÍTICA FASCISTA EM AFRICA baseia-se numa estratégia perigosa

Franco Nogueira não pôde esconder, na conferência de imprensa de Março passado, a decepção dos dirigentes fascistas ante o silêncio que cercou, além fronteiras, a viagem do presidente da República à Guiné e Cabo Verde. Um tal facto impôs-lhes a imperiosa necessidade de avolumarem na imprensa diária a sua orquestrada propaganda. Franco Nogueira, com o seu habitual impudor, não hesitou em afirmar que o insonso almirante Tomás despertou o maior entusiasmo nas populações africanas e que «viajou sem escolta e sem contratempos no território da Guiné».

Para que servem, sr. ministro, os 20 mil soldados, que ali permanecem? Para que servem as forças da PIDE, que o major Silva Pais visitou antes da viagem presidencial?

A tática da mentira e da fanfarronada, de Franco Nogueira, aprendida na escola de Hitler, quando era ainda simples estudante de Direito, não alteram os factos reais, determinantes da evolução dos acontecimentos: os patriotas guineenses ocupam 50 por cento do território da Guiné. A ocupação colonialista limita-se aos centros urbanos e a certos postos militares fortemente defendidos.

Quando a traição não tem preço

Franco Nogueira pintou com tons carregados a situação internacional. Ela comporta, na realidade, graves perigos para a paz, cuja salvaguarda exige uma acção de conjunto das forças progressivas de todo o mundo.

Mas para o governo de Salazar, é justamente como factor de guerra que a situação internacional lhe interessa, pois só aquela pode permitir-lhe a valorização estratégica e a cedência do território nacional e dos territórios africanos sob ocupa-

ção portuguesa, a troco do apoio pleno à sua política colonial e fascista por parte das potências capitalistas.

Por isso Franco Nogueira, empedernido defensor da guerra fria e do Pacto do Atlântico, não teve pejo em afirmar que «os quatro arquipélagos portugueses são garantia de liberdade de comunicações e os portos da Guiné e os portos e costas de Angola asseguram uma colaboração sem preço, da defesa do Atlântico Sul».

No quadro de uma estratégia global da NATO, a que o governo fascista de Salazar dá o seu apoio total, Franco Nogueira não deixa de vincar que, ante «a penetração naval russa no Índico», «os magníficos e apetrechados portos e aeroportos portugueses debruçados sobre aquele oceano terão de desempenhar um papel fundamental, em conjunto com os da África do Sul, assegurar a defesa de todo aquele vasto espaço e garantir a protecção das linhas de navegação marítima e aérea».

Na sequência desta linha de orientação não vemos agora a ANI, tentando baralhar a opinião pública, divulgar aos quatro ventos as «pretenções» da União Soviética ao porto de Mormugão, que os fascistas ainda continuam a considerar «portugueses»?

Estratégia de guerra

A conferência de imprensa de Franco Nogueira evidenciou

uma vez mais, a pertinência das acusações formuladas pelo Partido Comunista Português, sobre a colaboração estreita entre os governos da Rodésia, da África do Sul e de Portugal.

Essa colaboração estreita manifesta-se em encontros mensais secretos realizados em Pretória, Salisbury ou Lourenço Marques entre representantes das forças armadas dos três países, para a coordenação das operações de guerra contra o movimento nacional libertador nos territórios respectivos. As recentes afirmações do presidente Kourou da Zâmbia confirmam e denunciam a «AVANTE» de Novembro passado sobre a participação de tropas sul-africanas na luta contra os patriotas de Angola.

Franco Nogueira nega uma tal colaboração, como negou anteriormente a permanência de mercenários em território angolano, e as «acções militares empreendidas contra a República do Congo com o apoio e colaboração das autoridades fascistas».

A colaboração entre o governo de Salazar e a clique de renegados do Marlowi, leva Franco Nogueira a proclamar publicamente a disposição provocatória dos dirigentes dos dois países, prontos a defender «ISOLADAMENTE OU EM CONJUNTO, POR TODOS OS MEIOS AO SEU ALCANCE», qualquer reivindicação do Tânzânia relativamente à soberania sobre as águas do Lago Niassa.

A participação de Portugal na NATO opõe-se aos anseios de paz do povo português, à realização de uma política de cooperação pacífica entre todos os povos, tal como foi definido no Programa do Partido Comunista Português.

A guerra colonial fundamenta uma perigosa estratégia militar que atenta gravemente contra a soberania nacional, contra as aspirações do povo português e dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, à independência e à liberdade.

A gravidade da situação impõe o reforço da luta comum das massas populares e das forças democráticas contra a perigosa estratégia fascista.

A P.S.P. assassina um corajoso anti-fascista EM LAMEGO

Ainda não secara nas mãos dos algozes salazaristas o sangue do militante operário Luís António Firmino, já a selvajaria fascista se manifestava em Lamego, no lugar de Amoreiras, pelo braço criminoso da P.S.P..

O trabalhador rural Herculano Augusto foi a nova vítima.

Por condenar publicamente as guerras colonias e os sacrifícios que acarretam para o povo trabalhador, este corajoso antifascista foi agredido pelo agente da polícia Adrega e finalmente levado para a esquadra. Dali sairia menos de meia hora depois, mas já sem vida. O seu corpo, cheio de equimoses e nódoas negras, era um grito de acusação contra as brutalidades policiais. No hospital, porém, no relatório da autópsia que lhe foi feita, e sub-delegado de saúde preferiu declarar que a causa da morte de Herculano Augusto tinha sido provocada por... uma congestão.

Mas o povo da região não se deixou levar por tal mentira e, comentando o sucedido, acusou com razão a P.S.P. de assassinato.

Grande número de guardas da P.S.P. passou a andar à paisana pelas ruas, mas esta espionagem ameaçadora não conseguiu calar a indignação popular. Duas mulheres foram prisioneiras, mas soltas em seguida. Num grupo de populares que condenava o crime, um homem referiu desdenhosamente a um polícia que se identificava: «Foram vocês que o mataram!»

Protestemos contra este novo crime do fascismo! Castigo para os assassinos!

Conclusões do Encontro Consultivo de Budapeste TRABALHO COLECTIVO E EM PÉ DE IGUALDADE para a realização da Conferência em fins de 1968

O Encontro Consultivo de Budapeste, que teve lugar de 26 de Fevereiro a 3 de Março, pronunciou-se pela convocação de uma Conferência Internacional dos partidos comunistas e operários, a realizar em Novembro-Dezembro em Moscovo.

O encontro chegou a outras importantes conclusões: a) que o objectivo da futura Conferência é «reforçar a unidade do movimento comunista e contribuir para a coesão de todas as forças socialistas e democráticas na luta contra o imperialismo, pela libertação nacional e social dos povos, pela paz mundial»; b) que a ordem de dia deve constar de um só ponto fundamental: as tarefas da luta contra o imperialismo e a unidade de acção dos partidos comunistas e operários e de todas as forças anti-imperialistas; c) que o trabalho preparatório deve ser um trabalho colectivo em que todos os partidos tenham igual direito de participar.

O Encontro fez um apelo a todos os partidos comunistas e operários, incluindo os que não participaram no encontro, para que tomem parte na próxima Conferência e nos respectivos trabalhos preparatórios.

O Partido Comunista Português, que esteve representado pelos camaradas Manuel Rodrigues da Silva, membro do Secretariado do CC e Alexandre Castanheira e José Vitoriano, membros do CC, subscreveu o Comunicado Final do Encontro.

Na sua intervenção, o camarada M. R. da Silva, expôs a posição do PCP em relação ao Encontro Consultivo e à Conferência Internacional Reafirmando que o PCP se pronuncia no sentido da realização da Conferência Internacional

dentro de um prazo que não deveria exceder um ano e que seria de desejar que o Encontro Consultivo iniciasse o trabalho prático preparatório, sublinhou que, ne entender do PCP, para se conseguir a participação o mais larga possível na Conferência Internacional, o Encontro se deveria limitar a procurar o acordo dos partidos participantes acerca dos objectivos da Conferência, do seu ordem de trabalhos, de uma data considerada em princípio mas não definitivamente fixada e dos métodos de trabalho preparatório. Sugeriu a realização de um novo Encontro Consultivo e insistiu na necessidade de um esforço para que os partidos irmãos, que não participaram no Encontro de Budapeste, viessem a participar no novo Encontro Consultivo e na Conferência Internacional. A ordem do dia da Conferência deveria consistir nas tarefas da luta contra o imperialismo. O seu objectivo fundamental, o reforço de cooperação e da unidade dos partidos irmãos. Não deveria por isso servir para condenar ou excluir qualquer partido irmão. Quanto aos métodos de trabalho preparatório da Conferência, o camarada M. R. da Silva salientou que o PCP se pronuncia pela adopção de métodos democráticos, de forma a que todos os partidos irmãos interessados possam manifestar a sua opinião e de forma a que os resultados da Conferência venham a ser o resultado de uma análise colectiva e do acordo dos partidos participantes.

O Comité Central do PCP, no seu comunicado de Janeiro, havia definido a posição do PCP acerca do Encontro Consultivo de Budapeste: Não se tratava, no entender do PCP, de um Encontro para debater questões políticas de fundo, para discutir a orientação dos partidos face

aos problemas maiores da luta anti-imperialista, mas apenas um encontro destinado a uma troca colectiva de opiniões sobre os problemas relativos à convocação da Conferência Internacional. Na sua participação nos trabalhos, a delegação do PCP manteve-se rigorosamente na posição definida pelo CC.

O mesmo Comunicado do CC do PCP salientava: «O PCP defende o respeito escrupuloso dos princípios da igualdade, da independência e da soberania dos partidos comunistas e operários e da não ingerência de uns na vida interna de outros e aplica esses princípios nas suas relações com os partidos irmãos. Ao mesmo tempo, pronuncia-se contra a estreiteza nacional e pelo cumprimento de todos os seus deveres internacionais. Nas relações entre os partidos irmãos, esses deveres traduzem-se antes de mais pela troca franca de opiniões e experiências, pelo esforço para o entendimento fraternal, pela inabalável determinação de conjugar os esforços da grande família comunista mundial. A cooperação e a unidade de acção dos partidos comunistas e operários baseada no marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, constituem imperiosas necessidades na luta contra o imperialismo, pela liberdade dos povos e da independência das nações, pela democracia, a paz e o socialismo».

Foi inspirado por estas ideias, que a delegação do PCP participou no Encontro Consultivo de Budapeste. Será inspirado por essas ideias que o PCP participará nos trabalhos preparatórios da futura Conferência Internacional dos partidos comunistas e operários e na própria Conferência.

Radio PORTUGAL Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8,30 em 19 metros; das 20 às 22 horas em 25 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 52 e 56 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para o ar das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Voz da Liberdade

Transmite todas as quartas e sábados a partir da 1,15 (da madrugada) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 250 e 320 metros.